

## “ROMÃ” NO FAIXA A FAIXA COM SOFIA FREIRE: ÉTICA DA REPARAÇÃO ENTRE AS REDES SOCIAIS

*"POMEGRANATE" ON FAIXA A FAIXA WITH SOFIA FREIRE: ETHICS OF REPARATION AMONG SOCIAL NETWORKS*

*"GRANADA" EN FAIXA A FAIXA CON SOFÍA FREIRE: ÉTICA DE LA REPARACIÓN EN REDES SOCIALES*

*Original recebido em: 22 de outubro de 2025*

*Aceito para publicação em: 23 de fevereiro de 2026*

*Publicado em: 09 de abril de 2026*

Milene Migliano Gonzaga

*Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), Salvador, Bahia, Brasil*

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo

### RESUMO

A ética da reparação é uma perspectiva que tem sido notada em criações da cultura midiática articulando o pensamento crítico da ética amorosa a partir de bell hooks (2021), a compreensão decolonial latino-americana e a atitude contracolonial de Nego Bispo, ao entendimento das corporalidades inscritas em dimensões narrativas. Inicialmente praticada na curadoria de filmes do novíssimo cinema brasileiro de fabulação documental, aqui é encontrada a partir de etnografia digital que aciona o entendimento de “corpo-som” na leitura de uma materialidade audiovisual específica. A websérie Faixa a Faixa, de Sofia Freire é a materialidade audiovisual eleita, que, em um posicionamento feminista assertivo investigado entre encruzilhadas online, enfrenta a disputa de sentidos, na busca por superação do patriarcado, em emergência na atualidade.

**Palavras-chave:** Ética da reparação 1; Etnografia digital 2; Websérie 3; Sofia Freire 4; Contracolonial.

### ABSTRACT

The ethics of reparation is a perspective that has been noted in media culture creations, articulating the critical thinking of the ethics of love from bell hooks (2021), the Latin American decolonial understanding and the countercolonial attitude of Nego Bispo, to the understanding of corporealities inscribed in narrative dimensions. Initially practiced in the curation of films from the newest Brazilian documentary fabulation cinema, here it is found through digital ethnography that activates the understanding of "body-sound" in the reading of a specific audiovisual materiality. The web series Faixa a Faixa, by Sofia Freire, is the chosen audiovisual materiality, which, in an assertive feminist positioning investigated among online crossroads, confronts the dispute of meanings, in the search for overcoming patriarchy, which is emerging in the present day.

**Keywords:** Ethics of Reparation 1; Digital Ethnography 2; Web Series 3; Sofia Freire 4; Countercolonial 5.

## RESUMEN

La ética de la reparación es una perspectiva que se ha observado en las creaciones de la cultura mediática, articulando el pensamiento crítico sobre la ética del amor de bell hooks (2021), la comprensión descolonial latinoamericana y la actitud contracolonial de Nego Bispo, con la comprensión de las corporalidades inscritas en las dimensiones narrativas. Inicialmente practicada en la curaduría de películas del más reciente cine documental brasileño de fabulación, aquí se encuentra a través de la etnografía digital que activa la comprensión del "cuerpo-sonido" en la lectura de una materialidad audiovisual específica. La serie web Faixa a Faixa, de Sofia Freire, es la materialidad audiovisual elegida, que, en un posicionamiento feminista asertivo investigado entre las encrucijadas digitales, confronta la disputa de significados, en la búsqueda de la superación del patriarcado, que emerge en la actualidad.

**Palavras-chave:** Ética de la Reparación 1; Etnografía Digital 2; Serie Web 3; Sofia Freire 4; Contracolonial 5.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse texto<sup>1</sup> pretende, a partir de uma etnografia digital interessada no período criativo e de lançamento da série Faixa a faixa, da cantora Sofia Freire, vislumbrar a ética da reparação em liminaridades criativas das culturas midiáticas, em ambiências de aplicativos e plataformas que articulam redes de sociabilidade e dinâmicas comunicativas de apropriação das mesmas. Nas observações participativas<sup>2</sup> em suas contas e perfis do Youtube, Spotify, Instagram e Tik Tok<sup>3</sup>, experimentamos encontros táticos na promoção e produção da artista em relação com o público, assim como com a crítica, e com as materialidades maquínicas – desde microfones a programas de criação de imagens e sonoridades.

---

<sup>1</sup>Este texto se baseia na apresentação do resumo expandido “Romã no Faixa a Faixa: possibilidades do corpo-som nas redes sociais”, no GT Música Popular/Massiva nas indústrias do entretenimento na América Latina Contemporânea, do Congresso Bianual da IASPM – Rama América Latina, que foi realizado em Recife, em setembro de 2024.

<sup>2</sup> Procedimento metodológico acionado na etnografia digital realizada, na qual a pessoa investigadora participa das situações culturais nas quais está situada sua pesquisa: “é na observação participativa (mesmo que oculta) que se realiza a coleta dos dados da cultura a delimitada nas recentes mídias.” (FERRAZ, 2019, p.56)

<sup>3</sup> Neste texto será abordada a etnografia digital realizada prioritariamente no Youtube e Instagram.



Imagem 1. Captura de tela de vídeo que integra a websérie Faixa a Faixa Romã, de Sofia Freire. Acervo autora

Sofia Freire é cantora, compositora, tecladista e produtora musical pernambucana. Vive em Recife, cidade na qual produz seu trabalho musical autoral e coletivo, participando de produções especiais como da direção do disco espetáculo feminista “A Dita Curva”, desde 2018. Colaborou em turnê de diversos artistas como Gilberto Gil e Alessandra Leão, como musicista mas também como compositora. Seu último disco, o terceiro, A Ponta da Língua (PDL)<sup>4</sup> de 2024, é indicado como um dos melhores do ano pela crítica (APCA), trabalho no qual explora a criação e experimentação sonora conectada com referências femininas locais, nacionais e mundiais.

Inicialmente, será situada a perspectiva da ética da reparação em sua dimensão de pensamento crítico de enfrentamento à colonialidade, situado nas materialidades culturais em circulação na cultura midiática brasileira, com reverberação global, já que intenciona encontros de transformação das realidades sócio-culturais existentes.

Na sequência, apresentaremos a etnografia digital, na qual percorremos as trilhas das performances musicais a partir dos encontros nas “encruzilhadas” (MARTINS, 1997; RUFINO, 2019) das plataformas, das discussões e discursos proferidos nelas dos encontros que a investigação proporcionou a esse corpo da pesquisadora, em conexão e articulação entre as vidas imaginadas e comunicadas em suas batalhas na quebra e superação dos padrões opressores e violentos do cotidiano social. “A manifestação artística de que tratamos é

<sup>4</sup> Durante o IASPM em Recife, aconteceu o show de lançamento do PDL no teatro Sesc Santo Amaro, que pude assistir e fruir esteticamente a partir da condição de informada/conectada nas redes sociais digitais de Sofia Freire.

encarnada e historicamente situada, sendo pensada como lugar desde o qual se produzem novas estratégias de luta.” (ROCHA; FERRAZ, 2020, p. 128).

Esses cruzamentos são instantes em que os corpos se aproximam, nas possibilidades dimensionais da experiência. Apreendidos no texto e capturados enquanto instantes audiovisuais silenciosos, estes fragmentos compreendidos em sua metonímia com Walter Benjamin (1996), podem ser desmontados e remontados (DIDI-HUBERMAN, 2016), desde o tempo que os suscite. É a isso que esse texto se presta, a remontá-los em encruzilhadas, ou seja, desde as relações entre os corpos em movimento, com o entendimento da Pedagogia das Encruzilhadas (RUFINO, 2019) propondo que “toda e qualquer forma de saber que se codifique nas dimensões do corpo” seja levada em consideração. Com Leda Maria Martins, faz-se importante lembrar que a encruzilhada se constitui como potência epistêmica nagô, “disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras” um lugar tangencial, que mobiliza

(...) instância simbólica e metonímica, da qual se processam vias diversas de elaborações discursivas, motivadas pelos próprios discursos que a coabitam. Da esfera do rito e, portanto, da performance, é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. (MARTINS, 1997, p.28)

Na potência do movimento, transformação, enfrentamento e condução, acionar a Pedagogia das Encruzilhadas é gesto contracolonial, é acreditar no corpo e sua performance em relação, que emerge nas ambiências das plataformas digitais, compreendida aqui como possibilidade do corpo-som (SOARES, 2020).

## 2. A PERSPECTIVA DA ÉTICA DA REPARAÇÃO NAS CULTURAS MIMIÁTICAS

A partir da atuação como docente no segundo contrato de substituta no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) da UFRB, a relação de aprendizagem com as pessoas estudantes no retorno para a modalidade presencial, pós-pandemia, foi reelaborada. No curso de Cinema e Audiovisual foi notável a contestação crítica sobre as escolhas de materiais filmicos a serem compartilhados em sala de aula, ou para amparar os processos de aprendizagem dos componentes curriculares. Se, antes da pandemia, já existia um tensionamento crítico sobre as materialidades comunicativas que eram trazidas para a sala de

aula, parece-nos que após a pandemia, as reflexões e comentários foram realizados de modo a prospectar uma seara mais consciente dos gestos e escolhas tomadas.

Com a apresentação de textos de bell hooks aos estudantes – inicialmente Olhares Negros – raça e representação (2019) e Tudo sobre o amor: novas perspectivas (2021) – suas exigências de que as materialidades comunicativas das culturas midiáticas se atentassem às representações e a exploração da noção de outridades se estabelece. Em Olhares Negros, Bell Hooks aponta caminhos para constituir uma luta anti racista preocupada com a espetatorialidade e as subjetividades em relação. “O reconhecimento mútuo do racismo, seu impacto nos dois, em quem é dominado e em quem domina, é o único ponto que torna possível um encontro entre raças que não seja baseado em negação e fantasia.” (Hooks, 2019, p. 76).

Da mesma autora, no capítulo 6, “Valores: viver sobre uma ética amorosa” do livro “Tudo sobre o amor” (2021), a discussão reafirma o patriarcado como norma, um sistema de dominação que tem sua demanda por socialização da crença de que “em todas as relações humanas há um lado superior e um inferior, que uma pessoa é forte e a outra fraca, e, conseqüentemente, é natural que o poderoso domine o que não tem poder” (Hooks, 2021, p. 133). Ao expor formas de alcançar uma vida mais alinhada à ética amorosa, Bell Hooks propõe “utilizar todas as dimensões do amor – ‘cuidado, compromisso, confiança, responsabilidade, respeito e conhecimento’ – em nosso cotidiano” (Hooks, 2021, p.130). Tal feito pode ser alcançado ao cultivarmos a consciência, examinarmos nossas ações de modo crítico, mensurando cuidado e comprometimento, respeito e manifestação do desejo de aprender, continua a autora, na seqüência do texto.

Se exigíssemos coletivamente que a mídia retratasse imagens que reflitam a realidade amorosa, isso aconteceria. Essa mudança alteraria nossa cultura radicalmente. Os meios de comunicação de massa insistem numa ética de dominação e violência perpetuando-a, porque nossos criadores audiovisuais têm mais intimidade com essas realidades do que com as realidades do amor. Todos sabemos como a violência é (Hooks, 2021, p.131).

Com os estudantes, atualizei minha pesquisa para constituir a curadoria de filmes que seriam contemplados nas visionagens compartilhadas dos componentes “Documentário 1 – Mundo”, “Gêneros do Documentário” e “Novas Tendências do Documentário”, desde o encontro com filmes que circulavam por mostras e festivais, entre os quais estive, e provenientes de indicações de outros professores, colegas.

Grada Kilomba em sua proposição de cura do trauma colonial que compartilhamos, como discorrido em seu livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano” (2019) estabelece um caminho de responsividade coletiva, que segue da negação, culpa, vergonha, reconhecimento até chegar na reparação. A reparação assimila o que esteve soterrado por sistemas opressivos e violentos de produção de subjetividade para compor novos modos de prática e conhecimento da vida em coletividade social.

A ética da reparação suscita um modo de operação encontrado em produções criativas que circulam entre as plataformas digitais e outras materialidades mídia, como as salas de cinema, que tem se constituído desde o fenômeno da democratização e acessibilidade dos meios. Nestas produções a criatividade é acionada para colaborar no embate ao pensamento devedor dos epistemicídios fundantes da modernidade social (Grosfóguel, 2016): contra as populações originárias, mouras, negras, de mulheres, corpos dissidentes e os recursos naturais de quaisquer territórios (Migliano, 2023, p.1).

Ao problematizar o enfrentamento de práticas/ideários de dominação no campo audiovisual, o pensamento decolonial latino-americano se tornou uma orientação para a nossa prática pedagógica. Porém, a contra colonialidade de Nego Bispo se afirmou como consolidação da ética da reparação com as reflexões críticas de “Quatro Cantos” (2022), livro organizado por ele, com textos de Maria Sueli Rodrigues, Ana Mumbuca e Luiz Rufino. O líder quilombola afirma a necessidade de ocupação da internet com mais confluências do que influências digitais, apontando a dimensão da organicidade fluída dos percursos digitais, diferentes dos tráfegos ordenados para poucos enunciadores específicos, contradizendo o âmago da internet com seu fluxo espreado e amplo de circulação de experiências e informação

Diante de um mundo erguido nas vigas da intervenção militar, da plantation e da catequese, se raspa no fundo da cuia o fundamento da roça de quilombo; a confluência como inteligência que reconhece a vida como força cíclica ecológica, e a contracolonização como a reza forte, o corpo fechado e o facão azeitado para bater embaixo de qualquer desejo de monocultura (Rufino, 2022, p.70).

No texto de Maria Sueli Rodrigues “Somos religião e subjetividade”, também em Quatro Cantos, a autora aponta a dimensão do biopoder que cerceia as possibilidades de emancipação dos corpos da classe trabalhadora, assim como de seus desejos e sonhos.

A subjetividade que nos habita e que clama por valorização da identidade individual é formada, na infância, com muitas histórias de heróis e heroínas para estruturar uma visão de si como capaz de tudo, por isso se percebe com capacidade de atos heroicos, embora se frustra quando se depara com o espelho da vida, porque poucos

são os heróis, apenas os do comando, mas continuamos iludidas e iludidos para sermos heroínas e heróis (Rodrigues, 2022, p.61-62).

Ao encontrar com o filme *Noir Blue* – deslocamentos de uma dança, de Ana Pi, no qual a cineasta e coreógrafa produz um filme documentário em sua primeira viagem à África, Ana Pi afirma que só levará em sua narrativa o que pode fazer brotar uma mentalidade diferente da opressão racista e misógina que seu corpo sofreu até então. Nas cenas em que dança pelas ruas e feiras da Nigéria, Burkina Faso, Angola, Guiné Equatorial, Mali, Etiópia, Costa do Marfim e Mauritânia, Ana Pi opta por uma narrativa diferente da jornada do herói: poderia-se dizer que ela escolhe a Teoria da Bolsa Ficção, de Ursula Le Guin (2021). Em tal perspectiva narrativa, ao invés do centramento na invenção de histórias de dominação e de armas que possibilitassem tal exercício desde os primórdios pré-históricos, Le Guin imagina se as histórias se preocupassem em apresentar como as bolsas, para carregar sementes, foram criadas. Assim, a bolsa, como é o útero, seria o motivo mobilizador das narrativas, ao contrário do objeto fálico lançado pelos primatas no início do filme 2001, *Uma ódisseia no espaço*, de Stanley Kubrick. Em *Noir Blue*, a bolsa de Ana Pi é um tecido azul com o qual contracena em cidades dos oito países acima citados. Sua contradição em relação ao cânone da narrativa ficcional e fílmica é também assimilada pelos estudantes de Cinema e Audiovisual, em contato entre os componentes curriculares e os semestres.

Mas os caminhos que fazem emergir a Ética da Reparação no século XXI ultrapassam o limite das narrativas fílmicas em produção até então, oportunizando a análise crítica de múltiplas audiovisualidades das culturas midiáticas em circulação entre as plataformas de redes sociais. O gesto que realiza a websérie *Faixa a Faixa*, sobre Romã, segundo disco de Sofia Freire, é fagulha que ilumina a análise crítica.

### 3. ETNOGRAFAR ENCRUZILHADAS COM “CORPO-SOM”

Ao mirar os corpos em relação no contexto da produção musical neste momento histórico é possível acompanhar as práticas e gestos culturais, em eventos presenciais, mas também nas publicações e postagens das redes sociais nos aplicativos e plataformas. Entre os modos de produzir tal aproximação investigativa a etnografia foi eleita, acompanhando a pesquisadora Cláudia Ferraz: “a etnografia on-line como uma extensão da etnografia de mídias, uma vez que o universo digital compõe a nova mídia símbolo da atual contemporaneidade” (FERRAZ, 2019, p.66)

A proposição da etnografia aliada aos estudos da comunicação se iniciou com o trabalho de Yves Winkin, publicado no Brasil com o título de “A nova comunicação” (1985), no qual o autor propõe a descida a campo como oportunidade de produzir conhecimento sobre a realidade cultural complexa mobilizada pelas tessituras comunicacionais. A noção de relação pauta tal conhecimento em articulação.

Em primeiro lugar, porque se trata de um pensamento complexo, em ruptura com o senso comum. Assim, a noção de participação na comunicação não é simples de entender; exige que cessemos de imitar o real imediato quando procuramos analisá-lo; obriga a superar o quadro da interação (indivíduo-indivíduo ou indivíduo-máquina) para alcançar dimensões coletivas e rituais dos processos comunicacionais; sugere outras espacialidades e temporalidades, situadas além do aqui-e-agora. O território é complexo; o mapa que dará conta dele o será também: é esse o sentido da mensagem que a análise antropológica das NTIC propõe. Alguns esquemas feitos de flechas e caixas já não podem dar conta da realidade do mundo (WINKIN, 1985, p.202).

Das anotações dos cadernos de campo à dedicação da escrita narrativa que intenciona narrativizar o mundo, o trabalho da etnografia produz uma mediação da realidade experimentada perpassada pela presença e encontros entre as subjetividades em relação. Para o autor, a produção das narrativas etnográficas, que analisam as dimensões culturais em suas dinâmicas, podem constituir um posicionamento político implicado. “Escrever legivelmente sobre a complexidade do mundo social é lutar pela transparência contra a ilusão da transparência.” (WINKIN, 1985, p.202).

A pesquisadora Christine Hine, em seu texto “A internet 3E: incorporada, corporificada e cotidiana” (2015) entende a etnografia do digital como uma realidade já instaurada com toda a sua potência de novidades ainda em desenvolvimento. As formas de co-presenciar nos aplicativos e plataformas se transformam a cada nova atualização da materialidade, modificando as possibilidades das relações. Hine intenta a complexidade vivida à determinação de grades de compreensão. “A abordagem que exploro se constrói a partir da ideia de que a etnografia pode ter como objetivo seguir conexões, ao invés de focar em um lugar específico.” (HINE, 2015, p.7) É a proposta deste trabalho que aqui expõe a apropriação de múltiplas possibilidades/affordances, enquanto “a estrutura tecnológica de um artefato induz certos comportamentos e deles participa” (MENDONÇA; AMARAL, 2016, p.427) de interação/conversaço pela artista Sofia Freire, expandindo as possibilidades de experiência estética musical durante a pandemia de Covid-19. Nesta etnografia digital, como em muitas outras já desenvolvidas nos últimos anos (MILLER, 2016; SPYER, 2018; MACHADO, 2025; MIGLIANO, 2020 e 2025; ROCHA, MIGLIANO, 2022) a investigação

aciona operadores conceituais alinhados ao que o campo apresenta como notório para a pesquisa.

Neste sentido, sigo a aposta metodológica do trabalho sintetizado no texto “Os corpos do desejo: potências e ações coletivas” (2013) de Ana Maria Fernandez que perspectiva a investigação de um campo de problemas, possibilidade de compreensão de nossas encruzilhadas. Para Fernandez, em cada etapa da pesquisa, as abordagens redesenham o encontro com o campo desde seu contexto, as presenças que se dispõem ao encontro e estimulam proposições conceituais a cada nova investida. Sobre o campo de problemas, em oposição a um recorte unidisciplinar, a autora pontua a possibilidade interdisciplinar.

Es en este sentido que se considera de suma relevancia cubrir lo más posible el espacio social y las redes existentes, para ver dónde y de qué modos se están construyendo otras significaciones imaginarias o prácticas sociales, aunque fueran incipientes. Interesa una apertura a una visión lo más amplia posible de significaciones imaginarias y prácticas sociales que circulan en la población con la cual se trabaja (Fernandez, 2016, p.15).

O esforço da autora/pesquisadora, e sua equipe de trabalho, se preocupou com a situação que está em desenvolvimento no momento do encontro com a questão em campo de experiência. Desse modo, os processos de subjetivação na contemporaneidade em pauta nas pesquisas têm demonstrado a importância dos corpos em ação cultural, na produção de sentidos, como crucial na análise crítica produzida.

Se trata de las formas anónimas pero eficaces que han distinguido para cada época — dentro de ésta, para cada clase social, género, clase etaria, etnia, opción sexual, etcétera — lo permitido, lo prohibido, lo bello, lo feo, lo normal, lo anormal, lo sano, lo enfermo. Cada cuerpo lleva esas marcas o, para ser más exactos, cada cuerpo se produce y reproduce en el embrollado anillado de múltiples marcas. Marcas biológicas pero también políticas, deseantes pero también histórico-sociales, pulsionales pero también de lenguaje (Fernandez, 2016, p. 17).

Assim, os corpos e as corporeidades se expressam em narrativas que ao serem lidas em fragmentos entre os aplicativos e plataformas, tecem caminhos inusitados na história social, promovendo encontros em encruzilhadas que irrompem em gesto de transformação do instante presente em experiência. Enfrentamentos propostos por mulheres, nordestinas, feministas, que em suas experiências de crítica de gênero, pelas corporalidades e interações estabelecidas, ampliam o campo musical. Para lidar com as corporalidades e os fragmentos musicais, um instante da experiência entre as plataformas e os aplicativos, elejo como

operador analítico a potência de apreensão do “corpo-som”, elaborado pelo pesquisador Thiago Soares (2020).

O corpo-som das cantoras projeta um senso de musicalidade e movimento para as imagens. É, antes de tudo, som nas imagens. O silêncio da análise sobre o rosto e a contemplação da estrela de cinema a partir de Morin, aqui encontra uma gênese oposta: o grito. Uma voz que se projeta e conecta ou inventa corpos. O grito que conecta o “grão da voz” (Barthes, 1977) ou o “pixel da voz” (Soares, 2014). O corpo-som das cantoras apresenta a acoplagem da biografia em cena: no eu-lírico da mulher que apresenta o revelar-esconder de personagens e que é ela a personagem de si mesma. Aqui, a vida encontra o artifício – fabulado, aberto, impreciso – partindo das entranhas da indústria fonográfica e do entretenimento (Soares, 2020, p. 26).

Corpo-som nas multiplicidades destas visualidades da cantora Sofia Freire na encruzilhada de relações. Como se apresenta em movimento? Se o corpo visível nas telas constitui seu corpo, histórias, experiências e criações, as encruzilhadas se remetem a situações da vida elencadas em comum, em algum instante de sua trajetória que esteja registrado e compartilhado nas redes, ou vivido diante de suas performances em palcos e cotidiano.

Pensar através da ideia de roteiro performático nos fornece subsídios para reconhecer tanto o implícito das encenações (e tentar resgatar estes implícitos através de dados primários ou secundários) mas também aquilo que se coloca explícito, os clichês das encenações, sobretudo através dos estereótipos e de suas articulações com ações dos campos do mercado e dos ambientes de negócios. (SOARES, 2020, p.30).

Enquanto as divas pops, tematizadas por Soares tem produtores, aqui Sofia Freire na webserie “Faixa-a-faixa” é sua própria produtora, auto-produtora. A artista conecta mulheres na produção do disco Romã<sup>5</sup>, e também um público cativo nas visualizações do Youtube, produzindo um espaço de reconhecimento e acolhimento durante a pandemia, em um primeiro momento. Em alguma medida em consonância com a perspectiva crítica de Fabiana Moraes em “A pauta é uma arma de combate”, a artista em questão produz um contato e relacionamento com o público que se posiciona, debate e motiva mudança social com sua musicalidade em corpo-som em ambiências digitais.

#### **4. CORPO-SOM E AFIRMAÇÃO DE GÊNERO NO FAIXA A FAIXA**

Compreendendo a indagação “O corpo-som das cantoras é o espaço especulativo em que a vida da mulher é tornada cena: o que ocorrerá quando a cantora entrar no palco?”

<sup>5</sup> No vídeo de anúncio do lançamento, no Youtube, a descrição remonta aos atributos da fruta, romã, associada à um símbolo da potência de união de mulheres. “Ser romã: Descobrir-se fértil e fecundar-se. Ser mutante. Ouvir o mundo, enxergar no silêncio. Sangrar. Confrontar. Parir-se e em milhares se multiplicar. Inventar a vida. Adiar o fim. É com muita alegria que anuncio o título do meu segundo álbum: Romã.”

(SOARES, 2020, p. 26), aqui pergunto, como se faz esse “corpo-som” entre as redes sociais digitais, nos afetando ao entrar na nossa tela em casa, na palma da mão?

A elaboração cuidadosa, contagiante e contundente do primeiro vídeo da playlist “Faixa a faixa” no Youtube, produzida durante a pandemia com recursos da Lei Aldir Blanc, que apresenta o processo criativo do seu segundo disco “Romã”, de 2017, é prenhe de parcerias com poetas. O primeiro vídeo postado<sup>6</sup>, intitulado Faixa a Faixa Romã #00 Introdução, situa a proposição crítica que fundamenta a série, na dimensão da invisibilidade e silenciamento das mulheres no campo de produção musical no Brasil e no mundo. A utilização de fonte cursiva produzida a partir do escaneamento da caligrafia, nos aproxima do corpo da artista, exposto no vídeo, em cada um dos enunciados conclamados por Sofia Freire.

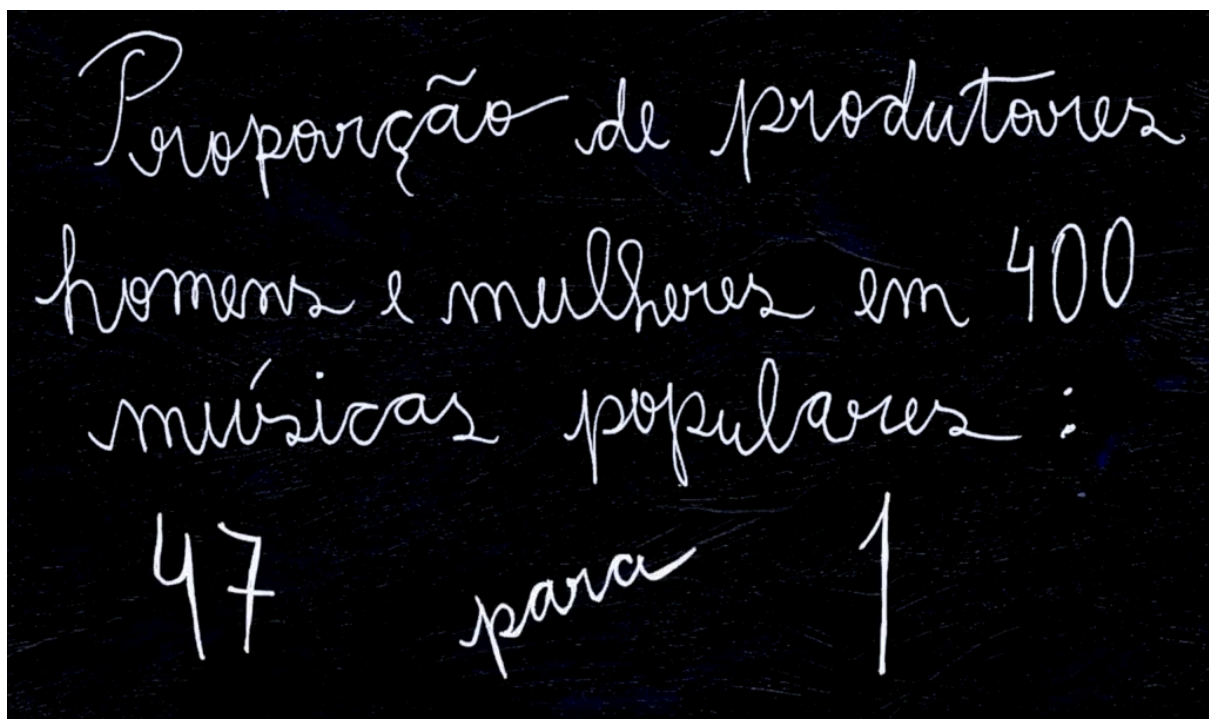


Imagem 2. Captura de tela do vídeo Faixa a Faixa Romã #00 – Introdução. Acervo autora.

Na imagem 1 apresentada, a artista traz dados compilados a partir dos apresentados no Relatório Por elas que fazem a música<sup>7</sup>, publicado pela UBC (União Brasileira de Compositores) e no relatório da Universidade Southern Califórnia, Inclusion in the recording

<sup>6</sup> O vídeo está disponível no canal da artista no Youtube, no link <https://www.youtube.com/watch?v=c5eO4nWesEw&list=PLA5kbK30NV2mrsrBqOfU77XaHrPmbthms>, acessado em 20 de outubro de 2025.

<sup>7</sup> O link do relatório disponibilizado na descrição do vídeo introdutório da websérie Faixa a Faixa não nos direciona mais até o mesmo, porém, na página reservada para os relatórios da UBC, estão relatórios mais recentes da iniciativa “Por elas que fazem a música”, disponíveis no link. <https://www.ubc.org.br/publicacoes/relatorios>.

studio? Examining 700 popular songs – USC Annenberg Inclusion Initiative<sup>8</sup>, from 2012 to 2018. Sofia diferencia os dados apresentados pela associação corporativa e a universidade em seu projeto inclusivo: nos dados brasileiros de 2019, não havia notação racial sobre as poucas mulheres atuantes nos dados. Além das informações sobre a baixa atividade de mulheres na música, Sofia descreve situações constrangedoras nas quais foi protagonista em grandes festivais de música no Brasil, quando das 32 atrações do palco principal, ela era a única mulher a ser escalada; ao questionar tal situação perante a organização do evento, recebeu uma resposta que relata incrédula de um homem: “você deveria agradecer por estar aqui”.

Mercedes Liska, em “Mi culo es mio – Mujeres que bailan como se les canta” (2024), apresenta no capítulo 3, “De ‘Me too’ a ‘mirá cómo nos ponemos’, abusos sexuales en el trabajo artístico”, a ampliação da discussão sobre a violência de gênero na indústria cultural e nas artes do espetáculo, inclusive, musical. A dimensão do trabalho e de como a condição feminina é tratada no e atrás dos palcos, e telas, é trazido como uma denúncia que se tornou organização e luta, que se consolida desde 2015 até a pandemia de Covid-19.

El proceso de cuestionamiento social de las formas de reproducción de la vida que diversas autoras observan contemporaneamente como “potencia feminista” se expresa también en los modos de organización y intervención de las mujeres en las artes del espectáculo. Existe una discusión articulada sobre las condiciones de género desiguales de trabajo productivo y reproductivo en todas las ramas de la actividad social y en alianza internacional. (Liska, 2024, p.28).

Mercedes situa as desigualdades de gênero significativas no mercado de trabalho feminino no campo musical argentino, nos últimos anos, lembrando as pessoas leitoras de que as desigualdades de gênero são expressas em segregações das ocupações musicais, variações salariais e inúmeras dificuldades para mulheres em colocação em cargos hierarquicamente superiores, como os decisórios. A perspectiva da “potência feminista” trazida por Liska, refere-se ao entendimento de Verônica Gago que em livro homônimo, do desejo que anima as mulheres no tempo contemporâneo a confrontar o patriarcado e gestos coloniais com seus próprios corpo-territórios, reverenciando ancestralidades originárias e em diásporas.

No produto audiovisual Faixa a Faixa, Sofia conduz a narrativa promovendo uma (re)apresentação (Amaral et al, 2015) de sua vida, carreira, demandas e lutas, enfatizando o quanto é importante para si compartilhar os modos de fazer música, diante das possibilidades do digital, para que outras possam realizar também. Seu corpo-território se refaz enquanto corpo-som. A artista compartilha que durante a produção do disco, percebeu que a única

<sup>8</sup> Disponível no link <https://assets.uscannenberg.org/docs/aii-inclusion-recording-studio-2019.pdf>.

música na qual se sentia representada era “Jardim Secreto”, faixa que contava com uma exploração musical do poema de Micheline Verunsk, poeta com a qual já havia trabalhado anteriormente. A artista conta que neste momento decidiu recomeçar a criação do disco, que já tinha algumas faixas gravadas e decidiu “jogar tudo fora, entendendo a minha necessidade de retificação, de travar parcerias com mulheres e recomecei o trabalho do zero, tendo Jardim Secreto como mote e sonoridade do disco”; a ética da reparação pautava já a prática da artista.

Sofia nos conta, nesta (re)apresentação de seu processo criativo, que buscou outras poetas para firmar parcerias para as novas músicas, estabelecendo contato com as artistas Marina Teixeira, Piera Schnaider, Luna Vitrolira, Clarice Freire. Todas haviam publicado seus livros de forma independente e faziam uso das redes sociais para publicizar seus trabalhos, assim como Micheline Verunsk, autora que Sofia Freire acionou em outras músicas para o disco Romã.

Na etnografia digital empreendida com observação participante, inspirada pela proposta incorporada, corporificada e encarnada de Chistine Hine, o corpo vibra (ROLNIK, 2011) entre as derivas cartográficas online, arrepiando e se afetando com o processo de criação musical compartilhado na websérie.

O que define, portanto, o perfil do cartógrafo é exclusivamente um tipo de sensibilidade, que ele se propõe fazer prevalecer, na medida do possível, em seu trabalho. O que ele quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação: fluxo de intensidades escapando do plano de organização de territórios, desorientando suas cartografias, desestabilizando suas representações e, por sua vez, representações estacando o fluxo, canalizando as intensidades, dando-lhes sentido. É que o cartógrafo sabe que não tem jeito: esse desafio permanente é o próprio motor de criação de sentido (Rolnik, 2011, p.23-24).

A perspectiva do corpo vibrátil por Rolnik, ativada na etnografia digital da websérie Faixa a Faixa, proporcionou na pesquisa exploratória a produção de conhecimento, e afetação implicada, em busca de um corpo-som engajado com a perspectiva feminista. Entre fluxos e territórios criativos, o corpo vibrátil da pesquisadora encruzilhou com o corpo-som da artista em sonoridades expandidas. Nos vídeos que se seguem ao da introdução – são 12 no total – há os que apresentam os processos criativos de músicas, como o Faixa a Faixa Romã #1 MUTANTE, o Faixa a Faixa Romã #2 VAN GOGH, o Faixa a Faixa Romã #3 01h00 (ou a Boca se Cala), o Faixa a Faixa Romã #4 Jardim Secreto, o Faixa a Faixa #5 Meu Bordado e o Faixa a Faixa Romã #6 Canção da Bruxa, nos quais a artista convida as poetisas, revela

arquivos audiovisuais e ideias musicais da criação de cada música, apresentados sempre em duas partes, entre narrativa e som. Os vídeos costumam ter entre 11 e 15 minutos. Em cada um destes vídeos, Sofia apresenta as poetisas que, com seus poemas, inspiraram as adaptações para as canções e disponibiliza na descrição dos vídeos seus livros, disponíveis gratuitamente ou para venda.

Os outros cinco vídeos que compõem a websérie Faixa a Faixa registram algumas situações inusitadas do trabalho da artista, como o vídeo intitulado Construindo o disco #2: Transportando o piano Ulisses, no qual a própria Sofia registra o processo para poder viabilizar a gravação de seu piano em um estúdio em Olinda. Cigarra troca de pele, A gente quer usar a nossa voz – trilha sonora original e Bastidores dos Bastidores – Faixa a Faixa Romã têm entre 1’:49” e 5’:41” e compõem o tom amoroso e de intimidade da musicista e produtora, com seu público fã.

O vídeo Bastidores dos Bastidores – Faixa a Faixa Romã, é o que tem o menor número de visualizações, apenas treze, embora traga em sua abordagem uma peça chave na produção audiovisual da artista. É nesse vídeo que Sofia Freire esmiúça como tem trabalhado (trabalhou) na produção da websérie, protagonizando muitos papéis na seara criativa. No vídeo a artista revela que produz roteiros para cada um dos vídeos sobre as faixas do disco, e mostra como personaliza os roteiros com as indicações do que vai ser narrado em off, falado para a câmera, acionado enquanto imagem que precisa ser produzida ou encontrada em seus arquivos, ou nos arquivos disponíveis na web.

Sofia mostra como improvisou seu estúdio de gravação no próprio quarto, apresenta a parceria que colaborou com a iluminação – disponibilizando seu @ no Instagram, revela truques de troca de figurino e maquiagem para as gravações que aconteceram no mesmo dia de vídeos diferentes. Como havia uma obra, que durou sete meses ao lado de sua casa, Sofia elabora uma estratégia e grava o que precisa para a composição da série em seu cantinho em casa e parte para o interior, para a casa de sua avó, com sua “parafernália”, onde finaliza as gravações e as edições da websérie. Quando disponibilizou a série, ainda na pandemia, Sofia utilizou as possibilidades de postagem de vídeo do Instagram para anunciar os lançamentos que se efetivariam no Youtube, demonstrando conhecimento das affordances e das possibilidades de mobilização de engajamento desde cada plataforma.

Entre todos os vídeos disponíveis no Youtube, o que tem mais visualizações é o Faixa a Faixa Romã #6 Canção da Bruxa, acumulando quase mil visionagens contabilizadas pelo player do Youtube. É neste vídeo que também encontramos o maior número de comentários

de perfis que se identificam com nomes atribuídos ao gênero feminino. É este vídeo, enquanto fragmento narrativo apreendido na etnografia digital, que debruçamos o olhar e será abordado a seguir.

## 5. A CANÇÃO DA BRUXA

O vídeo Faixa a Faixa Romã #6 Canção da Bruxa se inicia com a vinheta da websérie e parte logo para o intertítulo Narrativa. A artista contextualiza a caça às bruxas como uma busca por dominação e controle dos corpos, principalmente de mulheres, pela igreja. Baseada no texto “Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva”, de Silvia Federici (2017), Sofia Freire se utiliza de imagens do filme Haxan: A feitiçaria através dos tempos, de Benjamin Christensen, de 1922, para tratar sobre a perseguição e violência que sofriam as mulheres que foram privadas de sua autonomia de saberes, sexual e reprodutiva, condenadas à fogueira. “A magia parecia uma forma de rejeição ao trabalho, de insubordinação, um instrumento de resistência de base ao poder. O mundo deveria ser desencantado para ser dominado.”

Na continuidade do vídeo do Youtube, encontramos um fragmento<sup>9</sup> que foi compartilhado no Instagram, anunciando que o novo vídeo no Youtube seria postado naquela semana. No vídeo Sofia chama atenção para a continuidade das tentativas contemporâneas de enfraquecimento do poder das bruxas. A encruzilhada é percorrida, o corpo-som da artista faz vibrar o corpo da pesquisa(dora). Nesta peça, uma animação é implementada sobre a imagem do filme, pessoalizando a narrativa do século passado no tempo coetâneo.

---

<sup>9</sup> Disponível no link <https://www.instagram.com/p/CPT1r3EDgdn/>.



Imagem 3 - Captura de tela do vídeo Faixa a Faixa Romã #06 – Canção da Bruxa 1 Acervo autora.

As fogueiras de hoje são diferentes, elas ainda queimam nas ruas, nos lares e dentro de nós - pra você, o que é ser bruxa? A minha resposta eu compartilhei no último episódio do Faixa a faixa Romã, sobre A canção da bruxa, que você pode assistir completo aqui no Igtv ou no Youtube (link na bio). Essa semana tem episódio novo. Compartilhe se você curtiu ★ Seu apoio é muito importante! Mais uma [#Eumesmaproduções](#) [#Animationart](#) [#Bruxariamoderna](#) [#Animationvideo](#).

O texto acompanha a imagem na postagem do Instagram, caracterizando a dimensão transmidiática da produção da websérie, conteúdo estrategicamente trabalhado, por Sofia Freire, cantora no século XXI. Na postagem do Youtube, aproveitando a affordance da plataforma, o comentário da descrição do vídeo incita mobilização e protagonismo de mulheres, como demonstrado a seguir:

[#EuMesmaProduções](#) apresenta o Episódio #06 do Faixa a Faixa do meu segundo álbum, Romã (2017), onde destrincho e compartilho com vocês o processo criativo do disco a partir da minha visão e experiência enquanto artista e produtora. Canção da Bruxa é a sexta faixa do álbum, parceria 3/4 com a Micheline Verunsch. Espero que esse material te inspire - principalmente você, mulher, que quer se empoderar do processo de produção do seu próprio projeto. Conhecimento é poder! Espero que gostem. Episódios #00 ao #03 também estão disponíveis. O Faixa a Faixa Romã é um realizado com incentivo do Governo do Estado de Pernambuco através de Lei Aldir Blanc.

Sofia é enfática ao explicar que a caça às bruxas começou na Europa e se espalhou pelos territórios colônias, queimando mulheres diante do medo de seus conhecimentos sobre doenças, curas, liberdade reprodutiva e libertação sexual. Afirma, concordando com Silvia

Federici que o controle da igreja em decisões como a da “condenação do aborto e da contracepção como um malefício, o que deixou o corpo feminino - o útero foi reduzido a uma máquina para a reprodução do trabalho – nas mãos do Estado e da profissão médica” (FEDERICI, 2017, p.262).

A canção é produzida a partir de outro poema de Micheline Verunsk, que nos conta na websérie que é um texto encantatório, circular, elaborado para fazer emergir subjetividades desejanças. Enquanto declama o poema, Sofia anima as palavras que saem da boca da poeta, fabulando um território para o corpo-som em elaboração.



Imagem 4 - Captura de tela do vídeo Faixa a Faixa Romã #06 – Canção da Bruxa 2. Acervo autora.

O Som surge aproximadamente na metade do vídeo, depois que a poeta é apresentada com seus livros publicados e à venda, inclusive. Sofia apresenta a criação musical cíclica, remetendo a uma feitiçaria que é elaborada quase em sua totalidade com voz e sintetizadores. Sofia conta que o *beat* da música chegou antes da canção, criando desde o início uma tensão que nos prepara para um fechamento que não vem. De modo diferenciado de suas composições, é apenas ao final da canção que entra um baixo, marcando a ambiência mágica do ritmo cadenciado da música.

Sofia apresenta ao seu público alguns extratos do programa de produção musical que utiliza, rolando a barra de visualização da programação musical que compôs, subindo e descendo na aplicação, de modo a exemplificar o que narra sobre seu processo inventivo. Na construção de Canção da Bruxa, temos apenas duas notas musicais que estruturam a canção e que poderiam continuar tocando infinitamente.

Depois de explorar a Narrativa e o Som, Sofia conta ao final do vídeo que muitas mulheres já utilizaram a música em performances corporais e de dança, e compartilha excertos de imagens que recebeu, por meios de seus contatos de diferentes plataformas, disponibilizados nas redes. Ao trazer imagens e vídeos recebidos de fãs, para a tela no final do capítulo da websérie, Sofia traz seu público para a sua composição audiovisual, integrando-o à sua cultura midiática.

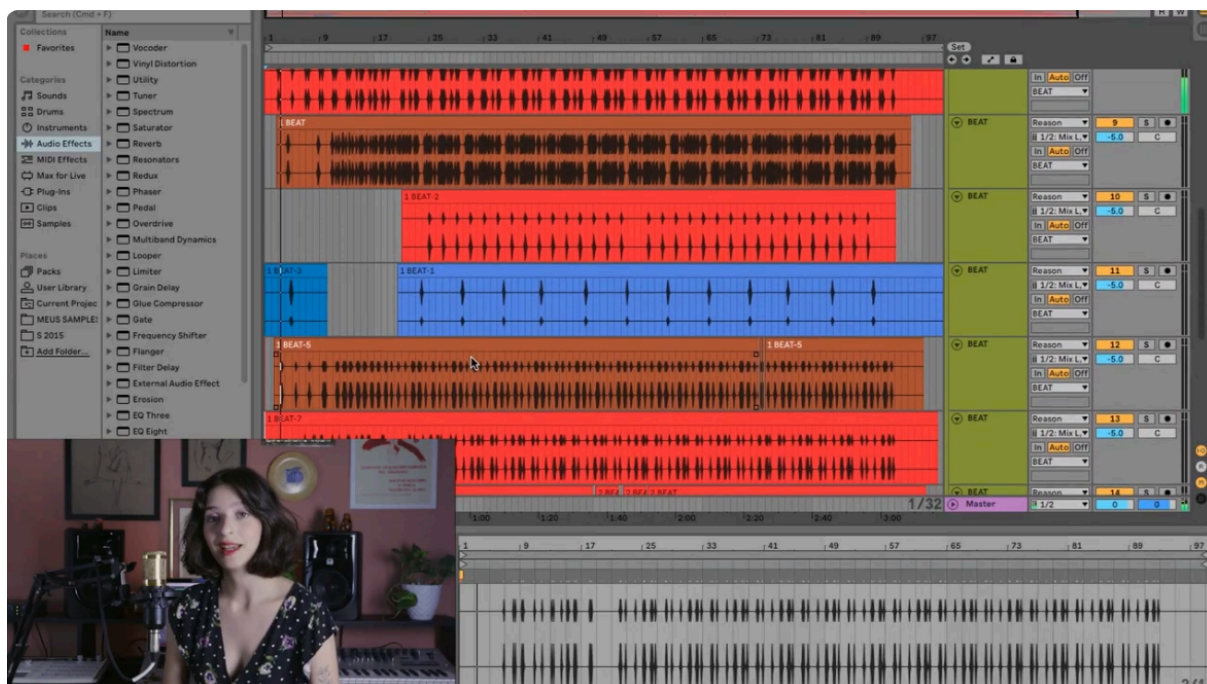


Imagem 4 - Captura de tela do vídeo Faixa a Faixa Romã #06 – Canção da Bruxa 3. Acervo autora.

A vinheta de fechamento da websérie traz mais uma vez a caligrafia da artista, convidando às pessoas que assistiram ao produto audiovisual a entrarem em contato com ela, Sofia Freire. Assim como as mulheres que compartilharam suas invenções com a música Canção da Bruxa, quando escrevia a proposta da apresentação para o congresso internacional, interpelei a artista que, lisonjeada, agradeceu a atenção na investigação e pediu que sempre fosse informada sobre os avanços da pesquisa.

Com a playlist “Faixa a faixa”, Sofia Freire enfrentou a pandemia, o patriarcado e a colonialidade ampliando a potência de seu corpo-som durante o isolamento social. A artista proporciona/ou iluminar espaços de resistências com lampejos inventivos de outras mulheres também; sua criação é permeada por uma ética da reparação urgente, no tempo presente, na qual subjetividades de enfrentamento ao patriarcado estão cada vez mais visíveis e atuantes na cultura midiática em circulação nas encruzilhadas das plataformas digitais.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acionarmos os fragmentos de produções audiovisuais da artista Sofia Freire, prioritariamente as disponíveis na websérie Faixa a Faixa, no Youtube e Instagram, foi possível remontar as narrativas acionadas pela artista, inventando um texto que proporciona uma análise crítica contracolonial, prenhe de epistemologias silenciadas pelo norte global simbólico, opressor. A perspectiva epistêmica das encruzilhadas abre as possibilidades de produção de sentido nas culturas midiáticas plataformizadas, mirando o corpo-som da artista em relação ao seu público, trilha performática entre beats e pixels.

Para Le Guin, “Uma literatura bolseira, com olho coioite, não se apropria. Escuta a terra, tornando-se com ela.” (LE GUIN, 2021, p.19); na proposta da webserie Faixa a Faixa, Sofia Freire produz a partir de seu corpo-território feminista um corpo-som capaz de afetar e propor trocas/aprendizagens a partir de narrativas sonoras e audiovisuais, que expandem a música para outras materialidades de sentido, semeando enfrentamentos às violências e desigualdade de gênero. Posicionamento, enfrentamento, embate ao patriarcado que degenera os cotidianos espelhados na herança colonial. Sem escuta ativa e elaboração, a criação profícua das encruzilhadas deixa de ser vislumbrada, inviabilizando a ética da reparação engajada por Sofia Freire: o gesto colonial é silenciador da potência criadora das mulheres, corporalidades em dissidências de gênero, existências diferentes do padrão.

Nas encruzilhadas da ocupação das plataformas digitais de compartilhamento de sons e imagens, que tiveram os usos estrategicamente planejados, e a circulação de sentidos comunicativos implicados, agindo com ética engajada em transformação do cotidiano permeado pela violência e opressão patriarcal, Sofia Freire conclama as mulheres para criatividade, para mobilizarem suas irmãs, para agitarem os ventos das transformações urgentes neste século XXI, primeiramente durante a pandemia, e agora, enquanto rastro que continua ativo nas plataformas de compartilhamento de vídeo, etnografadas no campo de investigação. Em seu processo criativo, seguimos as conexões produzidas pela artista mobiliza que mobilizam processos de subjetivação, imaginários e desejos em linguagem da cultura midiática atual.

Com a (re)apresentação de seu corpo-território em corpo-som, a artista consegue em Faixa a Faixa mobilizar com fragmentos e audiovisualidades, conhecimentos sobre o poder dos desejos das mulheres e a potência das narrativas, inclusive feministas, estruturadamente roteirizadas, produzidas, montadas em temporalidades que podem superar/superam o tempo

linear. Em Romã, disco e fruta que religa mulheres que as experimentam em compartilhamento, Sofia Freire pauta com a websérie, a emancipação de desejos e corpos, fomento de subjetividades entrelaçadas com amor revolucionário, para enfrentar mais uma vez a violência patriarcal, na caça às bruxas, ainda presente no tecido social. Na etnografia digital apresentada foi possível vislumbrar modos de ver, imaginar e compartilhar o mundo situado na criatividade da artista nordestina Sofia Freire, que em sua inventividade enfrenta um campo de problemas herdados da colonialidade e suas manutenções. A criatividade das materialidades audiovisuais aliada ao uso consciente, e planejado, das affordances das plataformas e aplicativos conflui à realização da ética da reparação em sua expressão enquanto corpo-som nas culturas midiáticas.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; DUARTE, Camila; POLIVANOV, Beatriz. Subculturas, re(a)apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “Gótica Desanimada” no Facebook. In **Revista Lumina**, v. 9, n.2, 2015. Juiz de Fora: UFJF.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas 1: Magia, Técnica, Arte e Política**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1996.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Remontar, remontagem (do tempo). **Cadernos de Leituras** 47. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDEZ, Ana Maria. Los cuerpos del deseo: potencias y acciones colectivas. **Nómadas** 38. Abril de 2013. Universidad Central: Colombia.

FERRAZ, Claudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v.12, n.35, p.46-69, jun-set, 2019.

GAGO, Veronica. **A potência feminista ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. In: **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) V. 29, n.2, p.1-42, USP, 2020.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_ **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GUIN, Úrsula. **A teoria da bolsa ficção**. São Paulo: n-1 edições, 2021.

LISKA, Mercedes. **Mi culo es mío**: mujeres que bailan como se les canta. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Gourmet Musical Ediciones, 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MACHADO, Rosana Pinheiro. Raiva, sonhos e insubordinação: como a extrema direita e as mídias digitais mobilizam a classe trabalhadora precarizada. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, v. 31, n.73, ago-dec, 2025.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; AMARAL, Ernesto F.L. Racionalidade online: provimento de razões em discussões virtuais. **Opinião Pública**, 22. Campinas, v. 2, 22, agosto de 2016.

MIGLIANO, Milene. **Entre a praça e a internet, outros imaginários políticos na Praia da Estação**. Ed.1. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2020, v.1., p.264.

MIGLIANO, Milene. A ética da reparação contra a desinformação: mirada de performances de enfrentamento ao pensamento colonial nas redes sociais digitais In: XLVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. **Anais do XLVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Belo Horizonte: PUC MINAS, 2023, v.1, p.1 – 12.

MIGLIANO, Milene. Ética da Reparação entre os perfis da rapper brasileira Katú Mirim nas redes sociais: mirada digital para fragmentos da canção 'Bling-Bling' In: **Comunicação, Ética e IA - Diálogos sobre desafios e perspectivas na era digital**, ed.1. Minho: Centro de Estudo Comunicação e Sociedade Publicação, 2025, v.1, p. 305 - 321.

MILLER, Daniel. **How the world changed social media**. London: UCL Press, 2016.

ROCHA, Rose de Melo; FERRAZ, Claudia Pereira. Ciborgue de Dreadlocks: o corpo falante de Triz Rutzats. In: ROCHA, Rose de Melo (org). **Artivismos Musicais de Gênero**: Bandivas, Travestis, Gays, Drags, Trans, Não-binárias. Salvador: Editora Devires, 2021.

ROCHA, Rose de Melo; MIGLIANO, Milene. A 25a Parada do Orgulho LGBT em live e vídeos no Youtube: corpos audiovisuais expandidos e urbanidades dissidentes In:

**Juventudes: violência, biocultura, biorresistência, ed.1.** São Paulo: EDUC - Editora da PUC-SP, 2022, v.1, p. 31 - 52.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

RODRIGUES, Maria Sueli. Somos religião e subjetividade. In.: SANTOS, Antonio Bispo dos. **Quatro Cantos.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da Encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. Cachaça e fumo na boca da mata. In.: SANTOS, Antonio Bispo dos. **Quatro Cantos.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Quatro Cantos.** São Paulo: n-1 edições, 2022.

SOARES, Thiago. Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática In: Soares, Thiago; Mangabeira, Alan e Lins, Mariana (orgs). **Divas Pop: O corpo-som das cantoras na cultura midiática.** Belo Horizonte: Selo PPGCOM - Editora UFMG, 2020.

SPYER, Juliano. **Mídias sociais no Brasil emergente: como a internet afeta a mobilidade social.** Trad. Julia Martins Barbosa. São Paulo: Educ, 2018.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação:** da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1985.

*Milene Migliano Gonzaga*

Coordenadora do GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas da INTERCOM. Jornalista e Mestre em Comunicação Social pela UFMG. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA. Pesquisadora do Juvenália: questões estéticas, geracionais, raciais e de gênero em comunicação e consumo, ESPM-SP e do GEEECA-UFRB. Publicou "Entre a praça e a internet: outros imaginários políticos possíveis na Praia da Estação", pela Editora UFRB, 2020. É colunista da Olhares no Caderno Muito + do Jornal A Tarde, em Salvador. Também é membro da Socine, da IASPM-AL e da Rede Historicidades.



Esta obra está licenciada com uma Licença  
Creative Commons Atribuição-Não-Comercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional